

RABISCOS DE UM ESCREVINHADOR

(Nesta seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta publicação em “A Federação”, jornal da vizinha cidade de Itu. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se das datas em que foram publicadas).

374. UM “MINEIRO DA CAMPANHA”

Em freqüentes viagens que, em tempos que já vão bem longe, fazíamos pelo Sul de Minas, era sempre com emoção que visitávamos a histórica cidade de Campanha, com uma parada, mesmo sem necessidade, apenas pelo prazer de revê-la e recordar (talvez melhor sentir) seu significado histórico, seu passado glorioso de cidade culta e como berço de tanta gente ilustre que enobreceu o Brasil em seus variados setores. Dentre seus muitos filhos, permitam-nos evocar, nesta nota, não diríamos o maior deles, pois todos foram grandes, mas certamente o que mais se projetou como um dos grandes luminares da ciência brasileira.

Referimo-nos a Vital Brasil (1865-1950), de quem a cidade tanto se orgulha, como também dela ele sempre se orgulhou. Tanto que fez questão de inscrever o nome da cidade em seu próprio nome: em vez de assinar os sobrenomes da família, que seriam Santos Pereira, preferiu chamar-se Vital Brasil Mineiro da Campanha... E se o evocamos nesta nota não é apenas para recordar sua vida e obra, mas a circunstância de assinalar o dia de hoje o seu natalício, no ano de 1865.

Diplomado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, exerceu a clínica em algumas cidades do interior, notadamente em Botucatu, quando teve sua atenção voltada para uma ocorrência muito

freqüente e muito grave na vida rural brasileira: o perigo dos animais venenosos, notadamente as serpentes. Foi o que o levou a consagrar-se ao estudo do ofidismo, com a descoberta de soros especializados e pesquisas em torno do assunto. O Instituto que pãra isso fundou no bairro do Butantã, em São Paulo, adquiriu renome universal. Em 1919 transferiu-se para Niterói, onde fundou instituto semelhante, conhecido hoje pelo seu nome. E na antiga capital fluminense faleceu em 1950.

Antes, todavia, de fundar seu próprio Instituto, colaborou assiduamente com o Instituto Bacteriológico de São Paulo, ao lado das eminentes figuras de Afolfo Lutz e Emílio Ribas. Como trabalhou, também, em obras de saneamento no porto de Santos. Mas, foi o instituto soroterápico que projetou seu nome, bem como o livro que publicou, em francês, sobre a defesa contra o ofidismo.

Embora noutro setor, o trabalho de Vital Brasil no Butantã pode ser comparado ao de Oswaldo Cruz, em Manguinhos, contribuindo, ambos, para projetar o nome de nosso país no cenário científico internacional.

Apreciando a obra dos dois grandes cientistas, escreveu, com muita propriedade, o saudoso historiador paulista José Pedro Leite Cordeiro: “Não mais dependeríamos do estrangeiro para obtenção de vacinas e soros. Muito pelo contrário, dentro de pouco tempo, graças à sabedoria de Oswaldo Cruz e de Vital Brasil, iríamos beneficiar a humanidade, seríamos solicitados para colaborar na obra universal dos médicos e das instituições de todos os recantos do globo, porfiando na luta contra a morte, e, fato que nos enche de orgulho, até hoje aqueles dois institutos (Maguinhos e Butantã) permanecem fiéis às suas tradições, constituindo dois dos mais altos padrões da ciência universal”. 28-04-2001.

*

375. RONDON/RONDÔNIA

Coube ao eminente etnólogo e antropólogo Roquette Pinto (1884-1954), que participou da primeira expedição ao interior do Brasil

chefeada pelo então Coronel Rondon, em 1912, sugerir o nome “Rondônia” para designar a área compreendida entre os rios Juruena e Madeira, ou seja a região percorrida pelo ilustre militar e sertanista. Embora o objetivo precípua de sua primeira “excursão” fosse o estabelecimento de linhas telegráficas ligando extensas regiões do centro-oeste brasileiro, revestiu-se ela, bem como todas as outras, de profundo interesse científico, pois dela participaram engenheiros, militares, zoólogos, botânicos, etnógrafos, geógrafos, capazes de um levantamento científico para a abordagem de todas as áreas que pudessem interessar a um melhor conhecimento do Brasil.

O próprio Roquette Pinto intitulou “Rondônia” ao livro, precioso sob todos os aspectos, em que narrou sua participação na expedição rondoniana. Publicado originalmente em 1917, teve várias edições, sempre ampliadas, inclusive com colaborações de alguns de seus companheiros de viagem. A última edição integrou a preciosa coleção “Brasiliana”, da antiga Companhia Editora Nacional.

É necessário considerar que a denominação sugerida por Roquette Pinto nada tem com o atual estado de Rondônia, criado como território em 1943, denominado primitivamente “Guaporé” e só muito mais tarde (1956) tendo recebido o atual nome. Observe-se, entretanto, que o atual Estado está quase todo englobado na primitiva “Rondônia”, de Roquette Pinto.

Nessa região o renomado naturalista encontrou grupos indígenas que representavam talvez, naquele momento (1912) a “mais impressionante população selvagem do mundo”, que viveu até então completamente apartada do resto da população do Brasil. Foi sobre esse grupo - e mais os “pareci” e os “nhambiquara” - que o autor concentrou suas observações nessa obra clássica das explorações científicas no Brasil.

Aliás, convém que se observe que “Rondônia” de Roquette Pinto, embora o mais conhecido, não é o único livro sugerido pelas expedições do Marechal Rondon. Muitos outros surgiram pouco depois do regresso de suas viagens e uma excelente coleção poderia ser organizada só com o que se publicou como resultado das explorações científicas decorrentes das excursões rondonianas. O fato de seu primeiro intuito ter sido a ligação telegráfica estabelecendo comunicações com o

centro-oeste brasileiro, levou o governo a credenciá-lo como “patrono das comunicações”, assinalando o dia de seu natalício, precisamente o dia de hoje (5 de maio) como o “dia das comunicações”.

Importante pauta da rica biografia de Rondon foi sua designação pelo governo federal para assessorar Theodore Roosevelt, que depois de seu exercício na presidência dos Estados Unidos, empreendeu longa e utilíssima excursão pelos sertões do Brasil, dela resultando precioso título de nossa riquíssima bibliografia de viagens. 5-5-2001.

*

376. BELA REEDIÇÃO DE UM PRECIOSO “ROTEIRO”

Como um dos pontos altos do recente movimento editorial brasileiro colocaríamos o lançamento pela editora da Unicamp (em convênio com a Prefeitura Municipal de Porto Feliz) do precioso “Roteiro da Navegação”, de Teotônio José Juzarte, que narra com todos os pormenores possíveis a jornada de uma monção partindo de Porto Feliz e dirigindo-se ao sul de Mato Grosso, onde o governo da capitania paulista determinara a fundação de uma “praça” vizinha à fronteira das colônias espanholas, às margens do rio Iguatemi. Praça que, falhando na sua finalidade precípua, resultou num presidio de tristes recordações na história paulista do final do século XVIII.

A edição que registramos é a primeira a ser tirada em volume avulso, aliás cuidadosamente impresso, pois as anteriores foram incluídas em periódicos ou em obras mistas, como os “Anais do Museu Paulista”, a “Revista do Arquivo Municipal” e o volume “Relatos monçoeiros”, organizado por Afonso de Taunay em 1954 com o caráter comemorativo do quarto centenário da cidade de São Paulo, com reedição em 1976.

A presente edição, a que se associam Campinas e Porto Feliz, foi preparada pelo Professor Jonas Soares de Souza, nosso prezado amigo e colega, a quem devemos a gentileza da oferta de um exemplar. Contém o texto integral do original e mais a introdução que para ele escreveu Taunay na edição do Museu Paulista. Ao volume recente, embelezan-

do-o sobremaneira, acrescentou o Professor Jonas a reprodução de numerosas estampas da velha Araritaguaba relativas ao movimento monçoeiro do século XVIII.

O original do roteiro de Juzarte pertenceu a Eduardo Prado e foi adquirido por Armando Prado quando diretor do Museu Paulista para integrar o arquivo da grande instituição do Ipiranga. O primeiro a consultá-lo, parece-nos, foi Capistrano de Abreu, recomendando-o a Taunay que também o lesse e, se possível o publicasse, o que, de fato, foi feito assim que o grande historiador assumiu a direção do Museu. Todavia, antes, Taunay já havia feito dele uma excelente análise, resumindo-o quase todo num dos capítulos de seu livro “Na era das bandeiras”.

Decorreu a viagem de Juzarte durante boa parte do ano de 1769, partindo de Porto Feliz, o porto tradicional das monções. Embora muitas expedições partissem Tietê abaixo, a maior parte delas visou a região de Cuiabá, enquanto que a de Juzarte tomou a direção do sul de Mato Grosso. Daí seu interesse. A riqueza de suas informações faz deste precioso códice uma contribuição inestimável para o que poderíamos chamar de “geografia retrospectiva” da longa região percorrida.

Cumprimentos ao Professor Jonas e aos editores que viabilizaram a presente publicação. 12-5-2001.

*

377. UM SACERDOTE FRANCO-GAÚCHO

É o melhor qualificativo que podemos dar ao Padre João Pedro Gay, nascido a 20 de novembro de 1815 e ordenado sacerdote em 1840. Destinado a uma missão no Uruguai, chegou a Montevidéu em 1842, mas ali pouco se demorou devido ao estado de sítio em que se encontrava a cidade. Preferiu vir para o Brasil, passando alguns anos no Rio de Janeiro, onde exerceu o magistério e cursou uma escola de medicina homeopática. Designado para uma paróquia no Rio Grande do Sul, para lá se dirigiu e lá nunca mais saíu, identificando-se de corpo e

alma com a província, com residência em Alegrete, São Borja e Uruguiana, onde faleceu em 1891.

Dedicando-se, ao lado de sua função religiosa e, naturalmente sem prejuízo dela, a estudos históricos, tornou-se uma das maiores autoridades em história da terra sul-riograndense. Deixou numerosos escritos, alguns ainda inéditos e guardados no Instituto Histórico Brasileiro. Suas obras mais importantes, felizmente, encontram-se publicadas, embora, não tendo sido reeditadas, não são de consulta fácil. As duas mais significativas são a “História da República Jesuítica do Paraguai”, publicada na Revista do Instituto Histórico Brasileiro, em 1863; e “A invasão paraguaia na fronteira do Brasil”, publicada por J. Villeneuve, no Rio de Janeiro, em 1867.

De sua obra ocupou-se demoradamente (em mais de vinte páginas) José Honório Rodrigues em seu livro “História e Historiadores do Brasil” (São Paulo, Fulgor, 1965). “Mestre da história regional” é como o caracteriza José Honório, que nunca foi homem de elogios fáceis.

Teve intensa participação comunitária nas cidades em que residiu, tornando-se, por isso, figura bastante popular; para tanto, muito contribuiu seus conhecimentos de medicina homeopática. Chegou a ter inúmeras propriedades; mas, tudo quanto conseguiu amealhar foi saqueado pelas tropas de Estigarríbia, quando da invasão de São Borja, o que o levou a transferir-se para Uruguiana, onde veio a falecer.

Sua intensa participação - intensa e constante - na vida das comunidades, relembra José Honório Rodrigues, “dá à sua figura outros traços; não se trata só de um erudito, que conhece como ninguém os segredos da formação histórica daquele território, mas de um homem de carne e osso, que luta e age pelos ideais de sua época. Por tudo isso ele não só é conhecido pelos eruditos, mas vive na tradição local, como um exemplo raro de devotamento e dedicação”.

Há uma discordância quanto a data de seu falecimento no ano de 1891. Sacramento Blake, secundado por José Teixeira de Oliveira, dá o dia de hoje, 19 de maio; todavia, José Honório, que bem estudou sua vida e obra, dá o dia 10. Não importa, 10 ou 19, julgamos oportuno evocá-lo nesta rápida nota, testemunho do apreço em que, desde que conhecemos sua obra, sempre o tivemos. 19-5-2001.



